

O Sistema de Avaliação da CAPES a partir da Ótica dos Docentes Pesquisadores da Área de Administração

Autoria: Diana Rebello Neves, Ana Paula Medeiros Bauer, Danielle Almeida Oliveira, Viviane Mello de Oliveira Spena, Rejane Prevot Nascimento

Resumo:

Este estudo tem como objetivo analisar o sistema de avaliação da CAPES a partir da ótica dos docentes pesquisadores da área de administração. Foram realizadas entrevistas com 16 professores/pesquisadores de quatro instituições de ensino, todos atuando nos programas de pós-graduação. Para a análise dos dados utilizou-se a técnica de análise de conteúdo. A análise dos resultados sugere que, embora a CAPES tenha criado uma exigência de pontuação por triênio e uma pressão para se publicar, o produtivismo é incentivado por outros atores, como os docentes e as instituições. Sugere ainda que a qualidade dos artigos publicados vem sofrendo uma queda e que a língua inglesa é vista como uma barreira para se publicar em periódicos internacionais.

Palavras-chave: Sistema de Avaliação da CAPES; Ensino em Administração; Professores; Pesquisadores.

1. Introdução

A educação superior possui um importante papel no desenvolvimento do país e tem se mostrado fundamental para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Maccari *et al.* (2009) relatam que a avaliação da educação surge como forma de acompanhar e certificar a qualidade das Instituições de Ensino Superior (IES) e dos programas a elas vinculados, em especial os programas de pós-graduação *stricto sensu*, fomentadores da pesquisa científica e tecnológica.

Maccari, Lima e Riccio (2009) afirmam que pensar a avaliação equivale a formular diagnósticos confiáveis e definir melhorias orientadas para o aprimoramento das Instituições de Educação Superior, uma vez que as transformações contemporâneas exigem respostas das IES em espaços de tempo cada vez menores. É nesse contexto que a avaliação do ensino, cursos, programas, instituições e sistemas educacionais ganham notabilidade no ambiente acadêmico. O Brasil possui um dos sistemas de avaliação de pós-graduação mais eficientes do mundo, implementado e acompanhado pela CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (MACCARI *et al.*, 2009).

Segundo Camargo Jr. (2013) a avaliação da produção científica é indispensável, já que parte fundamental de seu financiamento provém de fundos públicos, especialmente no Brasil. Tanto decidir sobre a alocação de tais recursos como certificar-se de seu bom uso exigem alguma avaliação. Avaliar a ciência, porém, beira o impossível. Não há métricas adequadas para a mensuração do valor de uma pesquisa ou de seus produtos. Sua repercussão não é clara, nem previsível. Ainda assim, todo país necessita avaliar seu sistema educacional.

O Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) foi criado em 1976, tendo como objetivo principal a preocupação com o desenvolvimento da pós-graduação e da pesquisa científica e tecnológica no Brasil. Nesse período os primeiros passos para a avaliação dos programas foram iniciados (CAPES, 2014, s/p). O sistema de avaliação da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), o banco de currículo da Plataforma Lattes e o Sistema Qualis, são conquistas brasileiras, e nenhum outro país possui um sistema tão desenvolvido (NASCIMENTO, 2010).

Este sistema é constituído por dois processos: Avaliação das Propostas de Cursos Novos (APCN) e Avaliação dos Programas de Pós-Graduação (CAPES, 2014, s/p). Na

Avaliação Trienal, os programas de mestrado e doutorado já existentes são minuciosamente avaliados. Além disso, ocorre a Avaliação das Propostas de Novos Cursos de pós-graduação *stricto sensu*, visando avaliar a adequação da proposta ao padrão de qualidade que é exigido, para que assim seja reconhecido e se integre ao Sistema Nacional de Pós-Graduação (CAPES, 2004, s/p).

O Sistema Qualis foi criado em 1998 com o objetivo de estratificar os canais de divulgação da produção científica. Este critério compõe um dos indicadores que influencia com mais impacto a avaliação da pós-graduação. Dessa forma, Nascimento (2010) aponta que professores de programas bem avaliados notaram que a publicação em periódicos de alto impacto é um fator que contribui para sua permanência no cargo.

No caso dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Administração no Brasil, o sistema de avaliação da CAPES tem contribuído indistintamente no direcionamento dos esforços e investimentos dos mesmos tanto para a melhoria da infraestrutura como para a elevação da qualidade nos critérios (corpo docente, produção intelectual, corpo discente e egresso e inserção social); ele motiva um alto desempenho de produção intelectual, geração de pesquisa e formação discente. O sistema de classificação (*ranking*) adotado pela CAPES é apoiado por muitos coordenadores, que o consideram um importante fator de distinção de qualidade entre os programas (MACCARI *et al.*, 2009).

Entretanto, ao longo dos anos, este sistema foi sofrendo mudanças significativas, que impactaram diretamente na vida dos docentes. Com a intenção de atender as novas exigências do sistema de avaliação e obter uma nota de excelência no processo, os pesquisadores/professores começaram a direcionar seus esforços para a produção de artigos, adentrando em uma lógica de produção exacerbada de *papers*.

Tendo em vista que a avaliação da pós-graduação no país demonstra uma maior relevância e atenção aos “índices de *performance* e produtividade” (OLIVEIRA e FONSECA, 2010, p. 45), este artigo se propõe investigar a seguinte questão: Como os docentes pesquisadores da área de administração avaliam o Sistema de Avaliação CAPES? Qual o impacto desse sistema sobre o seu trabalho? Neste sentido, o objetivo desse artigo é analisar o sistema de avaliação da CAPES a partir da ótica dos docentes pesquisadores da área de administração. Percebe-se cada vez mais, na medida em que esse mecanismo de avaliação se torna mais sofisticado e complexo, a necessidade de se analisar o entendimento dos docentes sobre as exigências de produção e de que forma estas vem impactando a sua atuação (OLIVEIRA e FONSECA, 2010).

O presente artigo está estruturado em cinco tópicos, incluindo esta parte introdutória. O segundo tópico foi dedicado a discutir a literatura recente sobre o atual Sistema de Avaliação da CAPES, as faces do produtivismo dentro da academia, o impacto do mesmo na qualidade das publicações, bem como a questão da internacionalização. No terceiro tópico são abordados os aspectos metodológicos da pesquisa. No quarto tópico interpretam-se os resultados da pesquisa à luz do referencial teórico abordado. No quinto tópico são apresentadas as considerações finais.

2. Perspectiva Teórica

2.1. O Sistema de Avaliação da CAPES na Área de Administração

O Sistema de Avaliação CAPES é regido por normas gerais que regulam todas as áreas do conhecimento. Cada área possui um Coordenador de Área, eleito a cada dois anos pelos Programas de Pós-Graduação (escolha que deverá ser validada pela CAPES), que é o representante da área junto à CAPES assim como é o responsável por conduzir o processo de avaliação na área. É também responsabilidade do Coordenador de Área estabelecer os critérios de avaliação para a área, conduzir a classificação dos periódicos valorizados na área

(Sistema QUALIS) a partir das regras gerais estabelecidas pela CAPES e discutir com os coordenadores dos programas tais critérios, com o objetivo de tornar o sistema de avaliação participativo e transparente.

Nascimento (2010, p.580) afirma que o sistema de avaliação da CAPES teve modificações consideráveis nos últimos tempos, focando na produção científica dos programas, e “mais especificamente na publicação de artigos em periódicos científicos, a pontuação atribuída aos artigos apresentados em eventos científicos foi sendo reduzida e não é mais valorizada no triênio 2010-2012”. Nota-se, portanto, que as mudanças inseridas pela CAPES trouxeram impactos significativos no ofício acadêmico.

Godoi e Xavier (2012, p. 457) afirmam que em 2008 existia “um quadro ainda razoável, denominado apenas de ‘pressão por publicação’ – uma tolerável e pré-produtivista pressão psicológica diante da imposição de uma meta considerada viável para a época: 12 pontos por ano”. A partir desse ano algumas alterações foram incorporadas ao sistema de avaliação, e a pontuação passou de 12 pontos anuais para 150 pontos no triênio. Nesse contexto, Nascimento (2010) entende que, os programas de pós-graduação se adaptaram às novas demandas institucionalizadas pela pressão de diversos fatores, principalmente buscando atender as solicitações do sistema de avaliação.

Alguns autores (GODOY e XAVIER, 2012; ALCADIPANI, 2011a, 2011b; NASCIMENTO, 2010; ROSA, 2008) afirmam que essas mudanças ocasionaram uma elevação quantitativa da produção científica. A amplificação da produção tem como consequência mais possibilidades de divulgação em revistas, o que é condição essencial para o bom resultado da avaliação.

Sendo assim, grande preocupação foi direcionada à produção científica, devido aos requisitos que os pesquisadores/docentes devem atender para permanecerem em programas de pós-graduação, sendo cobrados pelos diversos membros envolvidos no processo (outros professores, Programas de Pós-Graduação, CAPES).

Para que as publicações possam acumular mais pontos ao pesquisador/docente e, assim, ao programa é preciso que os periódicos tenham uma boa colocação no ranking “Qualis”. Esse ranking classifica a qualidade dos meios de divulgação da produção acadêmica de A1 até C, a pontuação mais alta se inicia em A1 até chegar à zero em periódicos classificados em C (CAPES, 2004, s/p). Sendo assim, produzir quantitativamente não satisfaz os requisitos para uma boa avaliação, é preciso que o artigo produzido tenha como resultado uma publicação em periódicos, revistas com elevada classificação “Qualis”.

Nesse sentido, a produção de um docente/pesquisador é fundamental para sua permanência ou inserção nos programas de pós-graduação. Atualmente “o sucesso ou o fracasso do programa depende diretamente das avaliações trienais da CAPES”, avaliação que desde 2014 passou a ser quadrienal, em que a produção intelectual representa 35% da nota na avaliação do curso, para a área de administração (PEGINO, 2014, p.253).

Para Camargo Jr. (2013), a questão a ser analisada é que substituir a avaliação da qualidade da ciência por qualquer avaliação baseada predominantemente em indicadores quantitativos é em si problemática.

Assim, o sistema de avaliação em vigência faz surgir um novo conceito para avaliar a qualidade dos docentes. A nova métrica avalia a quantidade de pontos alcançados anualmente e não o desenvolvimento intelectual (ALCADIPANI, 2011a). A mesma lógica de avaliação é utilizada para determinar a admissão e permanência de docentes nos programas de pós-graduação (MAUÉS, 2010).

2.2. As Faces do Produtivismo na Academia

A forte competição global, unida às velozes modificações que ocorrem no mundo, tem impulsionado os países a buscar meios para conquistar e manter vantagem competitiva (Maccari *et al.*, 2009). Essas mudanças atingem diversos setores da sociedade, inclusive a área acadêmica.

Muitos pesquisadores atuais perceberam que as alterações no modelo de avaliação inserido no campo, discutido no item acima, trouxeram efeitos colaterais à produção de conhecimento, e entendem que a produção científica atualmente preocupa-se mais com a pontuação que irá obter. Dessa forma, Rosa (2008) afirma que a academia passa a ser conduzida sob a lógica industrial, em que os coordenadores de pesquisa exercem papéis de gerentes, comandando grupos de estudo, assim como os gerentes industriais gerenciam seus times de produção. Em consonância, Godoy e Xavier (2012) apontam que o modelo de avaliação guiado somente pela quantidade de publicações exerce pouca, ou nenhuma relevância científica.

No Brasil, o início do chamado “produtivismo acadêmico” ocorreu no final da década 1970 e, de forma legitimada, nos anos 1990 (GODOI e XAVIER, 2012). O produtivismo, segundo Alcadipani (2011b, p.1174) é considerado uma “ênfase exacerbada na produção de uma grande quantidade de algo que possui pouca substância, o foco em se fazer o máximo de uma coisa ‘enlatada’, com pouco conteúdo e conseqüente valorização da quantidade como se fosse qualidade”. Para Godoi e Xavier:

“a própria definição é dialética, pois já engendra em si a crítica: forma de avaliação centrada na quantidade pura e simples de produções/publicações, em geral pouco lidas ou que não têm maior importância científica, e que serve de parâmetro básico para as mais diversas formas de progressão na carreira acadêmica (Godoi e Xavier, 2012, p. 456)”.

Alcadipani entende que (2011a, p.347) “a produção acadêmica no país se transformou em sinônimo de fazer pontos”, orientada pela pontuação divulgada pela CAPES. A pesquisa científica tem sido avaliada pela quantificação de pontos que o pesquisador conquista em um determinado período de tempo. Dessa forma, a lógica que rege o sistema acadêmico passa a ser a produção excessiva de artigos para alcançar o máximo de pontos. Portanto, professores que dedicaram uma vida à orientação de alunos, à formação de um campo de conhecimento são podem ser excluídos dos programas de pós-graduação. Essa situação ocorre, pois, caso o docente não atinja seus pontos mínimos exigidos pela avaliação, ocorrerá seu descredenciamento do programa. Sendo assim, seu exercício de lecionar na pós-graduação fica impedido.

Vale ressaltar que a avaliação e acompanhamento dos programas de pós-graduação são de suma importância para o bom desenvolvimento do campo. No entanto, conforme afirmam Maués e Motta Jr. (2011, p.391) a avaliação é uma temática assídua dentre “os estudos de matrizes teóricas, políticas e ideológicas diferentes, mas as divergências aparecem por conta da compreensão do papel e das funções que esta deve desempenhar”, além da preocupação com a utilidade dos resultados gerados.

É possível perceber que o sistema voltado para a produção gera diversos impactos no ambiente acadêmico, “a partir do momento em que a lógica do sistema passa a valorizar unicamente a quantidade produzida, formas de maximização começam a ser desenvolvidas” (GODOI e XAVIER, 2012, p. 460). Apesar de toda a discussão gerada em torno do sistema de avaliação da pós-graduação, Maués (2010, p. 157) afirma que “essa não é uma realidade dada, ela foi criada e como tal, num processo dialético, ela pode ser desconstruída e construída ou reconstruída”.

Um ponto importante levantado por Alcadipani (2011b) sobre o produtivismo diz respeito à manutenção e fomento do mesmo. Para o autor, criou-se um mecanismo de controle

que está totalmente desvirtuado e gerando “excrescências” (ALCADIPANI, 2011b, p. 1.176-1.178), mas que é diariamente alimentado por cada um dos pesquisadores quando mandam vários artigos para periódicos, quando pedem aos seus alunos que façam artigos antes de terem conhecimento do tema. O produtivismo apenas se reproduz na medida em que cada um o faz existir no cotidiano.

Para Oliveira e Fonseca (2010) essa forma de avaliar a pós-graduação é extremamente “tecnicista”, “intensificadora do trabalho”, “com implicações negativas na formação de alunos”, além de prejudicar a qualidade das publicações e diversas outros modos de relatar uma pesquisa (OLIVEIRA e FONSECA, 2010, p.46). A avaliação baseada na quantidade, na competição, gera modificações nos “valores e processos” de educação que cada programa possui, a valorização da “eficiência e eficácia” substituem o crescimento acadêmico que deve ser proporcionado a cada discente (OLIVEIRA e FONSECA, 2010, p.47).

Segundo Fonseca e Oliveira (2010) o foco na produção científica e a forte competição dentro e entre as instituições de ensino desenvolve uma elevação na carga de trabalho do docente, o que gera apreensões que afetam holisticamente o modo de se trabalhar. Os autores apontam que também existe a preocupação em apoiar a avaliação em comparações entre a produção nacional com a de países centrais.

2.3. O Impacto do Produtivismo na Qualidade das Publicações Acadêmicas

Nos últimos anos muitos autores têm abordado a questão da produção exacerbada no campo acadêmico, e seus impactos no trabalho docente e na gestão dos programas de pós-graduação (GODOI e XAVIER, 2012; LUIZ, 2006; MACCARI *et al.*, 2009; MAUÉS e MOTTA Jr., 2011; MAUÉS, 2010). As pesquisas apontam que o foco intenso na produção de artigos muitas vezes causam disfunções no papel do docente: “a ênfase, nos últimos dez anos, foi deslocada da pesquisa e produção de conhecimento para a produção e publicação de artigos” (GODOI e XAVIER, 2012, p. 458).

Segundo Godoi e Xavier (2012, p.456) essas mudanças vêm sofrendo muitas críticas, e a maioria delas apontam que o cerne desse modelo consiste relevar o quanto os “docentes/pesquisadores/programas/instituições” publicam em face à qualidade ou relevância para a sociedade. Para Oliveira e Fonseca (2010) o modelo para se avaliar a pós-graduação, produz efeitos negativos na produção. Além disso, a preocupação com quantidade de trabalhos acadêmicos tem favorecido o desenvolvimento de pesquisas rasas sobre temas já consistentes e com modesta relevância.

Como a quantidade de publicações se faz importante no contexto atual, Godoi e Xavier (2012) afirmam que, atualmente, as produções são contidas de temas tradicionais, atendendo assim, a demanda por produção veloz e efetiva. Por isso, a inovação e agregações ao conhecimento já existente são direcionadas para segundo plano.

O desenvolvimento e resultados das pesquisas também são prejudicados devido às exigências de produção. Muitas pesquisas são interrompidas durante o andamento e os resultados são divulgados precocemente. Também existem casos em que uma única pesquisa resulta em vários artigos (GODOI e XAVIER, 2012, p. 460).

O plágio também é uma questão latente, que se intensificou devido à necessidade de publicações em quantidade. “A generalização do plágio não parece ser mais uma questão restrita à personalidade desviante de poucos autores, mas uma patologia acadêmica de origem social que merece investigação séria e profunda, desprovida de moralismo acusatório” (GODOI e XAVIER, 2012, p. 460). Nesse sentido, a necessidade de publicar resulta em condutas inadequadas por parte dos docentes.

Sobre essa questão, Castiel, Sanz-Valero e Mel-Cyted (2007) entendem que um mesmo assunto e argumentos podem aparecer em diversos artigos, recebendo apenas singelas

mudanças. “A autocitação pode constituir-se no chamado autoplágio” (CASTIEL, SANZ-VALERO E MEL-CYTED, 2007, p. 3042). Existem revistas onde é necessário enviar uma declaração que especifica com clareza que não se trata de uma publicação sem variedade e repetida. Outro aspecto importante “seria se o artigo traz algo ao conhecimento ou à discussão científica, isto é, se é pertinente, relevante” (CASTIEL, SANZ-VALERO E MEL-CYTED, 2007, p. 3042). Além disso, há um crescente aumento de autores por artigo, significando mais do que o suposto aumento dos integrantes dos grupos de pesquisa.

Percebe-se, portanto, que o sistema de avaliação em vigência faz surgir um novo conceito para avaliar a qualidade dos docentes. A nova métrica avalia a quantidade de pontos alcançados anualmente e não o desenvolvimento intelectual (ALCADIPANI, 2011a). Ainda segundo o autor, esse método de avaliação não agrega valores, já que é com o amadurecimento intelectual que se desenvolvem trabalhos significativos para a sociedade acadêmica. A mesma lógica de avaliação é utilizada para determinar a admissão e permanência de docentes nos programas de pós-graduação, para a concessão de fomentos de pesquisa e bolsas de produtividade em pesquisa pelos órgãos financiadores (MAUÉS, 2010).

Corroborando com o tema, Camargo Jr. (2013, p. 1709) entende que, “face à pressão competitiva de publicar cada vez mais, multiplicam-se subterfúgios para incrementar a quantidade de artigos e capítulos publicados, e mesmo de citações”. O produtivismo de artigos sem grande interesse ou avanços significativos, ainda que legítimos, acabam resultando na “multiplicação do número de autores para cada texto sem que se considere adequadamente a atribuição de autoria, a distribuição de conteúdos entre diversas publicações e a criação de verdadeiros clubes de citação mútua” (CAMARGO JR., 2013, p. 1709). Essas consequências já são conhecidas na bibliografia global e começam a se manifestar na área da administração no Brasil.

Outra questão com relação à qualidade do que é publicado hoje dentro da academia é levantada por Alcadipani (2011b) ao destacar a necessidade do aluno de mestrado e doutorado de publicar artigos. Segundo o autor, na maioria das disciplinas da pós-graduação em administração no país exigem-se *papers* que são submetidos a encontros científicos da área. Além disso, muitos professores pressionados a produzir em quantidade terceirizam a tarefa para seus alunos; assim, têm tempo disponível para ocupar cargos na burocracia acadêmica, dar consultorias, lecionar em especialização. Essa prática resulta em “artigos fracos, discussões rasas, falta de inovação conceitual, argumentos pouco rigorosos, artigos metodologicamente pífios” (ALCADIPANI, 2011b, p. 1175).

2.4. A Internacionalização e a Língua Inglesa como Barreira

Segundo Castiel, Sanz-Valero e Mel-Cyted (2007, p. 3047), em geral, a grande parte das revistas publica “no idioma inglês e pertence a contextos em que a produção científica é mais desenvolvida (Comunidade Europeia e Estados Unidos)”. Nessa esfera existe é dada uma grande importância “a abordagens empíricas e objetos e temas pertencentes aos respectivos contextos de pesquisa em saúde, a aceitação de artigos acaba por refletir tais padrões” (CASTIEL, SANZ-VALERO E MEL-CYTED, 2007, p. 3047). Ou seja, existem temas e enfoques que são mais habilitados a produzir interesse e de serem aceitos por revistas de mais impacto.

Para Maués (2010), a globalização trouxe a internacionalização da educação e essa afirmativa se comprova através dos critérios adotados pela CAPES para a qualificação das Instituições de Ensino Superior.

Dessa forma, Laus (2012) afirma que um dos critérios mais importantes para que uma universidade desenvolva seu processo de internacionalização é publicando artigos em periódicos que possuam um alto impacto, ou seja, com estratificação A1, A2. Geralmente

periódicos dessa classificação são, em sua maioria, internacionais, o que leva o docente inserido na universidade com pretensão a internacionalização publique artigos em língua estrangeira, principalmente em inglês.

Além disso, Oliveira e Fonseca (2010, p. 45) abordam que o sistema de avaliação da pós-graduação brasileira não está interessado somente na análise do cenário nacional, mas se preocupa e enfatiza “quesitos, pesos, índices, qualis comparativos e discricionários, em âmbito nacional e internacional”, ou seja, existe uma busca pela inserção da pós-graduação brasileira no cenário internacional, e para isso a publicação em revistas estrangeiras é fundamental. Ainda segundo os autores, “a CAPES acredita que a permanente ampliação das exigências, em sintonia com os requisitos internacionais, contribui para a elevação da competitividade” (OLIVEIRA e FONSECA, 2010, p. 45).

3. Aspectos Metodológicos da Pesquisa

A pesquisa teve como finalidade analisar ao sistema de avaliação da CAPES a partir da ótica dos docentes pesquisadores da área de administração que lecionam em instituições de ensino situadas no Estado do Rio de Janeiro. Para se atingir o objetivo realizou-se uma pesquisa qualitativa, por meio de pesquisa bibliográfica e de campo. Foi realizada ainda uma pesquisa documental, com o intuito de analisar os documentos disponibilizados no site da CAPES, que discorrem sobre a história da instituição e sobre a avaliação da pós-graduação.

A pesquisa de campo envolveu a realização de entrevistas presenciais, com um roteiro semiestruturado, tendo uma duração que variou de 30 minutos a 1 hora, todas com o áudio gravado para posterior transcrição. O roteiro de entrevista foi composto por perguntas que abordaram aspectos como a trajetória do entrevistado na vida acadêmica, seu conhecimento sobre o sistema de avaliação da CAPES, opinião sobre a qualidade da produção acadêmica em sua linha de pesquisa, a questão das publicações internacionais e da língua inglesa, entre outros tópicos.

Os sujeitos da pesquisa foram os docentes pesquisadores atuantes em programas de pós-graduação do Rio de Janeiro. Foram realizadas entrevistas com 16 docentes de 4 instituições de ensino, sendo duas privadas e duas públicas. Pretendeu-se, assim, avaliar qual o conhecimento destes professores sobre o atual sistema de avaliação da CAPES, quais as métricas e direcionamentos que mais impactam na vida acadêmica desses pesquisadores, como eles avaliam este processo de avaliação e de que forma elas impactam no trabalho dos mesmos.

As transcrições das entrevistas foram lidas várias vezes com o objetivo de identificar pontos em comum nas falas dos participantes e esboçar, *a posteriori*, as categorias que organizaram a análise. Utilizou-se o software Atlas *Ti* para agrupamento e classificação dos dados e identificação das categorias emergentes. Alguns trechos das entrevistas foram usados na apresentação dos resultados. Para a análise dos dados colhidos utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas (BAUER, 2002),

Segundo Bauer (2002), a análise de conteúdo é uma construção social. Como qualquer construção viável, ela leva em consideração alguma realidade e deve ser julgada pelo seu resultado. Este resultado, contudo, não é o único fundamento para se fazer uma avaliação. A metodologia da análise de conteúdo possui um discurso elaborado sobre qualidade, sendo suas preocupações-chave a fidedignidade e a validade, provindas da psicométrica. As limitações desses critérios, contudo, se mostram no dilema fidedignidade-validade. O autor acrescenta ainda a coerência e transparência como dois critérios a mais para a avaliação de uma boa prática na AC.

4. Apresentação e Interpretação dos Resultados

Neste tópico, os depoimentos dos entrevistados foram interpretados com o objetivo de analisar o sistema de avaliação da CAPES a partir da ótica dos docentes pesquisadores da área de administração. Através da análise dos relatos dos participantes foi possível estabelecer categorias, identificadas *a posteriori*, que ajudaram a entender melhor qual o entendimento dos professores/ pesquisadores sobre o tema.

4.1. Critérios de Avaliação da CAPES que impactam na Vida Acadêmica dos Docentes

Nessa categoria pretende-se discorrer sobre o impacto que o sistema de avaliação da CAPES tem na rotina e na vida dos docentes. Segundo Alcadipani (2011a), “na lógica da academia produtivista, o tempo para reflexão é deixado de lado, a formação de alunos é escamoteada e o desenvolvimento intelectual significa apenas números em uma tabela”. Dessa forma, percebe-se que o modelo de avaliação traz impactos para a vida e a rotina do docente. As falas abaixo ilustram essa percepção:

“Você tem inúmeras obrigações de carga horária em sala de aula, você tem obrigações de orientação, e sobra muito pouco tempo para pesquisa porque (...) o regime de trabalho não condiz com produção A1 e A2”. (E7)

“Eu acho que isso cria uma disfunção porque você deixa de produzir por prazer, por vincular sua atividade de ensino e pesquisa como desmembramento natural de sua atividade de ensino e pesquisa. E você passa a produzir para fazer pontos, e esses pontos passam a ser usados de uma forma muito perversa, como parte do regime de trabalho”. (E11)

Essa lógica de produção em grande volume interfere diretamente nas decisões que os docentes devem tomar no que diz respeito à duração e profundidade das pesquisas, conforme mencionado na fala abaixo:

“Você não pensa mais numa pesquisa aprofundada, pensa em produzir artigo.(...) Todo artigo tem que estar lastreado a uma pesquisa, seja ela simples ou complexa. Se você coloca o artigo como fim para ter um ponto, para ter um número basicamente, você cai num problema, porque é justamente fazer uma fábrica de produção de artigos, sem se preocupar com a pesquisa efetivamente que dá lastro praquilo. Quando isso acontece você se encontra com o problema da produtividade”. (E3)

O tempo dedicado exclusivamente para o ensino em sala de aula não é mais possível, pois lecionar em um programa de pós-graduação requer produção. Além da obrigação de publicar, existem uma série de outras funções que um docente deve exercer, o que causa um excesso de trabalho:

“Eu não vejo que exista a possibilidade nesse sistema, sobretudo de quem coordena cursos, de permitir que professores que preferem se dedicar à vida acadêmica, parte de ensino mesmo, sem se preocupar com a parte de produção”. (E14)

Por fim, pode-se concluir que a importância da avaliação realizada pela CAPES é imensa na vida dos docentes, e acaba por “ditar” a maneira pela qual o docente deve realizar suas funções:

“Eu sou direcionada por ele, ele manda na minha vida, porque minha inserção aqui na pós-graduação tem que ser norteadada por esses critérios. Os critérios que mais me preocupam, porque eu tenho que lidar com eles para estar vinculada ao programa de pós-graduação são: ter uma pontuação mínima no triênio, uma pontuação de 150 pontos, e isso é uma preocupação de todos os professores da Escola” (E4).

4.2. Pressão para Publicar Imposta pela CAPES

Segundo Alcadipani (2011a) a academia no país se concentrou em produzir artigos e gerar pontos. Sendo assim, o sistema de avaliação teve grande influência nesse processo de orientar a academia para produção expansiva.

As exigências feitas pela CAPES fazem com que o docente direcione a divulgação das suas pesquisas para determinadas revistas ou periódicos e isso causa atrasos na divulgação dos resultados:

“Quantidade de pontos, essa coisa de procurar uma revista que seja relevante. Eu faço isso por causa da CAPES. Eu teria mandando esse meu artigo há muito tempo pra uma revista nacional, porque eu acho que vai ser lido por brasileiros mesmo. (...) Essa produção está parada há 3 anos, porque eu não estou satisfeito com ela”. (E9)

A exigência para publicar causa uma pressão no ofício do docente, que muitas vezes se sente desestimulado e passa a não sentir mais prazer pelo que faz:

“O professor está a todo tempo sob pressão para produzir, porque ele pode ser descredenciado de um programa se ele não cumprir essa meta que a CAPES exige. Ele fica tenso, não está mais curtindo aquela profissão do magistério, de dar uma boa aula, porque o tempo que ele está em sala de aula, está pensando: eu tenho que produzir o meu artigo, tenho que ter meus 150 pontos no triênio. Então existe muita pressão em cima do professor como profissional”. (E2)

Vale ressaltar que a pressão para publicação não significa necessariamente a geração de trabalhos de alta qualidade. Ao contrário, muitos trabalhos são produzidos apenas para cumprir a exigência e não para contribuir com o desenvolvimento do conhecimento:

“Eu não acredito que todos os trabalhos que são produzidos e colocados em periódicos devam estar ali, essa pressão pela produção é vazia. Agora, não resta dúvida que há avanços imensos em muitas áreas e que a qualidade de muitos dos trabalhos é absurdamente louvável. (...) Escrevo o que tenho vontade, faço a pesquisa porque tenho vontade. Mas essa pressão tão agressiva que a academia faz e a CAPES representando a academia, eu acho uma coisa muito complicada”. (E8)

Essa excessiva preocupação com a produção acadêmica acaba por deixar de lado outras importantes responsabilidades da academia, que não são tão valorizadas. A qualidade de um docente/pesquisador acaba sendo medida pela sua contribuição com a produção acadêmica.

4.3. Disfunção Criada por Pesquisadores e Instituições: Por quê se Publica Tanto?

Uma questão relevante que surgiu dos relatos de boa parte dos entrevistados é que, embora a chamada “pressão por publicação” tenha sido inserida na academia pela CAPES, a disseminação dessa prática é fomentada por outros atores dentro da academia, que não apenas a CAPES. Muitos entrevistados citaram o fato de que seus pares produzirem muito mais do que os 150 pontos por triênio, e como isso acaba exercendo uma pressão ainda maior entre os próprios docentes:

“Por que a gente está produzindo tanto? Esse ano eu já fiz uns 340 pontos, quando na verdade eu tinha que fazer 50. Excepcional, ano passado eu não fiz tanto, fiz uns 180, mas mesmo assim, tinha que fazer 50. Então existe algo que tem a ver com a CAPES, mas que transcende, e que eu acho que reflete muito uma cultura acadêmica de sempre mais.” (E5)

“O produtivismo não está nas regras da CAPES. Na nossa área a CAPES coloca 150 pontos por triênio. 150 pontos por triênio são 3 artigos medianos em 3 anos. (...) Na nossa área hoje a média de publicação por programa é de 350 pontos. Então se a média é 350 pontos, em que o muito bom é menos do que a metade, que é 150, alguma

coisa está errada. E onde está essa coisa errada? Não é a CAPES que determina, mas como alguns pesquisadores reproduzem isso. Então existem pesquisadores na nossa área que produzem mais de 1.000 pontos por ano. Precisa disso? Não”. (E1)

Analisando os relatos, é possível constatar que ir além da pontuação estabelecida pela CAPES para o triênio é algo que surge dentro dos programas de pós-graduação das instituições e entres os próprios professores. Há um estímulo para se “pontuar cada vez mais”, ainda que não seja necessário. Maués (2010, p. 157) afirma que “essa não é uma realidade dada, ela foi criada”, ou seja, as próprias universidades e professores fomentaram o produtivismo existente hoje na academia através do exacerbado número de publicações.

Além da pressão exercida pelos próprios docentes dentro da academia, existe ainda um incentivo proveniente das instituições privadas em função da pontuação de cada docente. Para Godoi e Xavier (2012), é possível perceber que o sistema voltado para a produção gera diversos impactos no ambiente acadêmico, e a partir do momento em que a lógica do sistema passa a valorizar basicamente a quantidade produzida, formas de maximização começam a ser desenvolvidas. Muitas universidades definem o salário do docente que atua na pós-graduação a partir da produção do mesmo, por meio de uma bonificação por pontuação, que em geral é superior àquela definida pela CAPES:

“A nossa remuneração aqui também é baseada em pontuação, que é um triênio móvel, não é um triênio só da avaliação. Então, por exemplo, o meu salário de 2012 é equivalente a minha produção de 11, 10 e 09. Tem que somar 210. E isso obviamente está relacionado à avaliação da CAPES. Todo mundo aqui sobra nos pontos, isso não é um problema. Só que isso aconteceu, parece, em todos os programas”. (E9)

“Eu acho que a gente acaba construindo esse problema porque entre os próprios pesquisadores você começa a criar uns critérios malucos, e diferentes, não da CAPES. Então cada Escola pode ter o seu critério diferente da CAPES. Eu acho que as organizações e as pessoas que estão dentro dessas organizações que de alguma forma transformam esses critérios num problema. O que está ali no procedimento é uma coisa factível”. (E4)

Com base nesses recortes, é factível considerar que a busca dos professores pesquisadores em ir além da pontuação exigida por triênio pela CAPES deve-se ao sistema de recompensas oferecido pelas instituições. O incentivo ao produtivismo parte também das universidades, e não somente da CAPES.

O que se percebe pela fala da maioria dos entrevistados é que os 150 pontos por triênio exigidos pela CAPES é entendido como algo atingível, sendo possível publicar artigos para conseguir tal pontuação. O chamado produtivismo acaba sendo estimulado por outros mecanismos internos, não só pela própria CAPES:

“Eu acho que a métrica da CAPES não é um problema, eu acho que o problema está na percepção, na utilização que a gente faz das métricas da CAPES. Por exemplo, a métrica da CAPES é 150 no triênio. Por que eu preciso fazer 200 pontos por ano. Essa disfunção é porque eu quero fazer mais. (...) Então acho que a gente meio que cria umas distorções dessa métrica, porque eu particularmente não vejo muito problema em você publicar numa B2, ainda mais você estando dentro de um programa de pós-graduação”. (E4)

“Eu acho que é razoável, é tranquilo, se alguém tiver disciplina e comprometimento para alcançar, é pouco. Inclusive se você faz boas orientações. Eu vejo aqui, pelo nosso ambiente, que os professores dos programas têm conseguido tranquilamente 150 pontos. (...) Tem colega nosso aqui que faz 300 pontos no ano”. (E6)

Por fim, o que se conclui é que essa lógica é repassada para os docentes que compõem o programa e os mesmos internalizam de tal forma que começam a reproduzi-la:

“De tanto, ouvir, discutir, falar, chega um certo ponto que você compara o seu lattes, com os dos outros colegas, e fala, poxa eu tenho menos artigo que o outro. Não é nem a ideia de você tentar pensar em pesquisa, pensar no impacto social da sua pesquisa, ou empresarial, que seja, você não pensa basicamente nisso, você quer o número, quer deixar o lattes bonito”. (E3)

4.4. Queda na Qualidade das Publicações

Com a produção de artigos em grande volume e em um curto período de tempo, as pesquisas precisam ser curtas para trazer um rápido retorno, ou se forem longas e profundas precisam resultar em micro resultados o quanto antes. Dessa forma, o que se observa é uma queda na qualidade das pesquisas, que acabam sendo consideradas rasas e muitas vezes não acrescentam nada de relevante para sua área de conhecimento, sendo vista como “mais do mesmo” por boa parte dos pesquisadores. As falas abaixo ilustram esse fato:

“Essa pesquisa vai demorar três anos para ter resultado, três anos é insustentável. Melhor então você fatiar a pesquisa, ou optar por um projeto mais curto, que a partir dele você vai ter um resultado mais imediato, porque de maneira geral, a dinâmica dos periódicos hoje é muito lenta; pra você ter um feedback de um trabalho que você envia, o tempo médio é um ano”. (E3)

“Você, como pesquisador, poderia se recusar a se repetir, mas corre o risco de perder o emprego... há a pressão externa do próprio sistema da CAPES e há a pressão interna da instituição onde você está alocado”. (E14)

A preocupação atual é produzir artigos e publicá-los, a qualidade não está dentre as prioridades, o que importa é que ele seja aceito e conte pontos para o programa. Além disso, a demora na avaliação dos trabalhos submetidos a revistas também impacta na qualidade dos artigos:

“Talvez isso seja até uma característica maléfica do sistema, a possibilidade de inovação, uma ideia brilhante se perde. A preocupação da pessoa acaba sendo fazer, formatar uma ideia para aquele modelinho, aquela estruturazinha dada. Então, tem coisas que são muito rasas e que não tem uma capacidade de inovação, ou de contribuição para a ciência de modo efetivo. Mas, acabam sendo aprovadas”. (E3)

“Nós temos um processo editorial que é muito amador. Isso tem um lado bom e um lado ruim também. O lado ruim é porque demora, o editor não se dedica suficientemente bem, ele deveria se dedicar muito mais”. (E1)

A questão ética também foi levantada por um entrevistado, já que, por estarem tão focados em atingir a meta de pontuação imposta, alguns professores/pesquisadores acabam adotando práticas questionáveis dentro da academia, conforme abordado no referencial teórico:

“Na hora que as pessoas trabalham somente na meta, elas esquecem todo o processo. Então dividem o trabalho ao ponto que não sobra nada, usam práticas antiéticas, alguns casos plágiam, a originalidade, que é um elemento fundamental, cai por terra, a qualidade, a questão de você amadurecer o trabalho e discutir também cai por terra. Então isso acaba prejudicando o próprio sistema de mérito, porque aquelas pessoas que trabalham seriamente, na lógica atual que nós temos, elas têm que gastar muita energia para fazer 2, 3 papers por ano, que é mais do que bom. Já alguns, com nem metade do esforço, fazem 10, 15”. (E1)

4.5. A Língua Inglesa como Barreira: Dificuldades para se Publicar em Periódicos Internacionais

A qualificação das IES se dá através do atendimento de alguns critérios determinados pela CAPES, dentre eles, a produção docente publicada em periódicos com nível A1, ou seja, aqueles que, em grande parte, exigem publicação no idioma inglês. A pontuação concedida por uma publicação deste nível representa 1/3 da avaliação necessária no triênio. O mesmo ocorre com os periódicos internacionais, uma vez que são acessados pelas academias de todo o mundo. Um dos entrevistados apontou a necessidade de pontuação como motivo para publicar internacionalmente:

“Artigos em periódicos, é nisso que está o foco hoje em dia, principalmente periódicos A1 e A2, que são internacionais ou internacionalizados. Então você tem que escrever na língua inglesa para conseguir o máximo de pontuação” (E11).

Identificou-se que alguns entrevistados percebem a necessidade de publicações internacionais para fins de reconhecimento, prestígio e visibilidade internacional para si e para o seu tema de pesquisa:

“Você tem a possibilidade de publicar internacionalmente seu trabalho, isso significa que você está comunicando internacionalmente o seu trabalho e as pessoas de uma rede internacional vão ter acesso àquilo que você investigou. (...) Significa que você está compartilhando com uma comunidade muito maior o resultado daquilo que você investigou”. (E16)

“Nós temos que nos inserir mais internacionalmente. Só que hoje criou-se um mito: quem publica fora é bom, quem publica dentro é ruim. Isso é uma besteira”. (E1)

As implicações resultantes do enfoque de publicações na língua inglesa são preocupantes para os docentes por dois aspectos: a publicação em idioma inglês demanda o conhecimento aprofundado da língua e, os docentes que não o detêm, se veem obrigados a custear as despesas com transcrição e revisão feita por nativos. Isso foi constatado na análise dos relatos de alguns entrevistados, que destacaram as dificuldades com o domínio do idioma inglês para fins de publicação, bem como o alto custo com o processo de tradução:

“Minha experiência nas internacionais tem sido muito boa. (...) Agora, dá muito mais trabalho, você tem que ter muito mais cuidado com o inglês, a parte formal tem que estar muito melhor amarrada. E tem que ter paciência, porque os pareceres são ‘brabos’, a gente tem que ter um retrabalho grande, tentar várias vezes até chegar no ponto de publicação”. (E10)

“Eu trabalho com colegas que são melhores no inglês do que eu, mas mesmo assim nós mandamos para revisores profissionais. A gente manda traduzir, a gente revisa a tradução, e a gente manda pra uma pessoa. Sai caro”. (E1)

“Quando eu escrevo não tenho confiança de que meu inglês será aceito. Então, eu peço a uma equipe com inglês nativo para fazer a revisão. Isto custa para mim um dinheiro grande”. (E15)

Um dos entrevistados citou, além da questão da língua inglesa como uma barreira na produção em periódicos internacionais, o fato de que a contratação de um serviço de tradução gera uma sensação de “perda de autoria”. Isso porque o trabalho original passa por mudanças, e nesse processo aspectos importantes do artigo podem se perder:

“Muita gente faz em português e manda traduzir, mesmo tendo feito Doutorado lá fora. Então a língua é uma barreira e é uma coisa que me frustra um pouco, escrever em português e pedir pra traduzir, mesmo que seja muito bem traduzido. Porque não é o seu trabalho, você escreve em português. Eu prefiro escrever em português. Acabo mirando na produção internacional por essas questões que a gente falou, mas o que me dá prazer é escrever em português. E eu não tenho uma habilidade pra escrever em inglês com qualidade”. (E5)

Também foi apontando que o sistema de avaliação inspirado em sistemas internacionais não condiz com a realidade brasileira; a exigência é equivalente, mas a infraestrutura não, e isso traz impactos para o desenvolvimento do trabalho docente:

“Um acadêmico que está sendo avaliado com o mesmo critério que a Inglaterra, Estados Unidos, Japão, ele tem um conjunto de infraestrutura, de apoio, de financiamento, de condições de trabalho que é muito superior ao meu”. (E11)

Constata-se, portanto, que existem barreiras e dificuldades para que o professor/pesquisador realize publicações em periódicos internacionais devido ao uso da língua inglesa. Ainda assim, motivações diversas foram apontadas para que haja interesse por parte dos mesmos em tais publicações.

4.6. Sugestões de Mudanças no Sistema de Avaliação da CAPES

Quando questionados sobre quais mudanças implantariam no sistema de avaliação da CAPES, caso fosse possível, a grande maioria dos entrevistados destacou a necessidade da CAPES considerar aspectos além das publicações em periódicos, ou seja, considerar não somente a questão da pontuação:

“Eu acho que seria interessante avaliar outros quesitos, que não essa coisa tão quantificável. Tentar criar recursos para avaliar a qualidade da produção docente e discente, qualidade de sala de aula, que tipo de recurso você está formando. Eu acho que tinha que se pensar em indicadores que falassem da qualidade”. (E5)

“Não existem métricas para avaliar a minha qualidade como orientadora, como docente em sala de aula. Se eu produzir pra caramba eu posso ser uma péssima professora, isso não é um problema. Se eu for fazer alguma crítica à CAPES é o fato de o que ela está avaliando é fundamentalmente isso, a capacidade de produzir, quando na verdade a atividade de um professor pesquisador é mais do que produzir papers, no atacado”. (E5)

“Eu acho que a primeira coisa é uma ênfase maior na qualidade de publicação e na qualidade de formação. Valorizar mais aquilo que é feito do que a quantidade do que é feito. (...) Eu acho que deve ter uma mudança não somente de avaliar a produtividade, mas punir a produtividade também. (...) Se por ventura você tem no programa professores que produzem muito mais do que a média, eu acho que tem que ser justificado e entender por que. Eu acho que a pessoa tem que ser mais responsável por aquilo que escreve”. (E1)

Para Castiel, Sanz-Valero e Mel-Cyted (2007) os pesquisadores podem ser encarados como agentes que adotam posturas tanto de fabricantes como de consumidores de artigos que competem entre si para chamar a atenção em meio a um mar de *papers*. Alguns entrevistados consideram que os atuais critérios utilizados pela CAPES incentivam o produtivismo exacerbado e a perda de relevância e originalidade das pesquisas:

“Eu acredito que o fato de exigirem esses 150 pontos incentiva o produtivismo, incentiva a perda de originalidade. (...) A CAPES não parece estar ciente de que está fomentando esse produtivismo”. (E14)

“Eu acho que a situação da avaliação precisa ser rediscutida. Acho que tem aspectos da avaliação que acabam criando efeitos deletérios sobre o trabalho dos docentes. A produtividade é uma delas. (...) O foco no produtivismo e a negligência no exercício docente”. (E7)

Considerando o exposto pelos entrevistados, os atuais critérios do sistema de avaliação da CAPES aponta-nos uma forte tendência à inadequação para as atuais necessidades da academia e urgente necessidade de mudança.

5. Considerações Finais

Os resultados obtidos por meio das entrevistas possibilitaram entender a ótica dos docentes pesquisadores da área de administração sobre o sistema de avaliação da CAPES. Constatou-se que a CAPES exerce uma influência grande na vida desses pesquisadores, chegando até mesmo a nortear a vida acadêmica de alguns. O modelo de avaliação da CAPES, baseado na métrica de 150 pontos por triênio, traz impactos para a vida e a rotina do docente. Dessa forma, por estarem sempre preocupados em atingir a pontuação exigida, o tempo dedicado para o ensino em sala de aula acaba sendo prejudicado.

A questão do trabalho de pesquisa sendo medido pela quantidade de pontos que o professor consegue fazer por ano também foi amplamente citada, uma exigência que, embora tenha sido criada pelo sistema de avaliação da CAPES, encontra forças em outros atores, como os próprios professores/pesquisadores e as instituições de ensino superior. Percebe-se, portanto, que o chamado produtivismo acaba sendo estimulado por outros mecanismos internos, e não só pela própria CAPES: uma “competição” entre os próprios docentes e o incentivo financeiro das instituições de ensino privadas, que bonificam os pesquisadores com alta produção anual.

A queda na qualidade dos artigos que são publicados atualmente também foi amplamente citada, uma vez que a preocupação atual é com a quantidade do que se produz, deixando muitas vezes a qualidade de lado. Muitas produções são consideradas rasas e não acrescentam nada de relevante para sua área de conhecimento, sendo vista como “mais do mesmo” por boa parte dos pesquisadores.

Outro ponto importante que surgiu dos relatos dos entrevistados foi a questão da língua inglesa como barreira para se publicar em periódicos internacionais. Boa parte dos entrevistados não se sente à vontade para escrever um artigo em inglês, por não dominarem totalmente o idioma; o fato do inglês não ser sua língua nativa é considerado uma barreira. Com isso, surge a necessidade de contratação de tradutores e revisores, o que gera um alto custo para esses pesquisadores.

Por fim, ao serem questionados sobre quais mudanças sugerem ao sistema de avaliação da CAPES, a grande maioria dos entrevistados entende que é necessário a adoção de critérios que vão além dos aspectos quantitativos e que estejam relacionados à prática docente. Na percepção dos entrevistados é necessário avaliar outras questões, como a qualidade do docente em sala de aula, a qualidade dos alunos que estão se formando em cada instituição, além da qualidade dos artigos que estão sendo produzidos: valorizar o conteúdo do que se produz, e não somente a quantidade de *papers*.

Referências

ALCADIPANI, R. Ideias em Debate: Academia e a Fábrica de Sardinhas. *Organizações & Sociedade*, v. 18, n. 57, p. 345-348, abr/jun 2011a.

ALCADIPANI, R. Resistir ao Produtivismo: Uma Ode à Perturbação Acadêmica. *Cadernos Ebape*, v. 9, n. 4, p. 1.174-1.178, out/dez 2011b.

BAUER, M. Análise de Conteúdo Clássica: Uma Revisão. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som*. Petrópolis: Vozes. Cap. 8, 2002.

CAMARGO JR., K. R. Produção Científica: Avaliação da Qualidade ou Ficção Contábil? *Caderno Saúde Pública*, v. 29, n. 9, p. 1.707-1.711, 2013.

- CAPES. *Relatório de avaliação 2001 2003: trienal 2004. 2004.* <http://trienal.capes.gov.br/?page_id=100>. Acesso em: 15 Jun. 2014.
- CAPES. *História e Missão*, 2014. <<http://www.Capes.gov.br/sobreaCapes/historiaemissao>>. Acesso em: 15 Jun. 2014.
- CASTIEL, L. D., SANZ-VALERO, J., MEL-CYTED, R. Entre fetichismo e sobrevivência: o artigo científico é uma mercadoria acadêmica? *Caderno. Saúde Pública*, v. 23, n. 12, p. 3.041-3.050, 2007.
- FONSECA, M.; OLIVEIRA, J., F. A Avaliação da Pós-Graduação e seu Impacto no Trabalho Acadêmico dos Professores Brasileiros. In J. F. de Oliveira, A. M. Catani & N. S. C. Ferreira (Orgs.). *Pós-graduação e Avaliação: Impactos e Perspectivas no Brasil e no Cenário Internacional* (pp. 109-130). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.
- GODOI, C; XAVIER, W. O Produtivismo e suas Anomalias. *Cadernos Ebape*, v.10, nº 2, p. 456-465, Rio de Janeiro, Jun 2012.
- LAUS, S., P. *A Internacionalização da Educação Superior: Um Estudo de Caso da Universidade Federal de Santa Catarina*. 331 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Escola de Administração, Salvador. 2012.
- LUIZ, R. R. Avaliação de Produtividade Acadêmica: Uma Proposta de Quantificação. *R B P G*, Brasília, v. 3, n. 6, p. 300-312, dez 2006.
- MACCARI, E. A., *et al.* A Gestão dos Programas de Pós-Graduação em Administração com Base no Sistema de Avaliação da CAPES. *Revista de Gestão USP*, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 1-16, out/dez 2009.
- MACCARI, E. A.; LIMA, M. C.; RICCIO, E. L. Uso do Sistema de Avaliação da CAPES por Programas de Pós-Graduação em Administração no Brasil. *Revista de Ciências da Administração*, v. 11, n. 25, p. 68-96, 2009.
- MAUÉS, O. A Reconfiguração do Trabalho Docente na Educação Superior. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. especial 1, p. 141-160, 2010.
- MAUÉS, O. C.; MOTA Jr. W. P. A Nova Regulação Educacional e o Trabalho Docente na Pós-Graduação Brasileira. *Linhas Críticas*, Brasília, DF, v. 17, n. 33, p. 385-402, maio/ago 2011.
- NASCIMENTO, L. F. Modelo CAPES de Avaliação: Quais as Consequências para o Triênio 2010-2012? *Administração: Ensino e Pesquisa*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 579-600, 2010.
- OLIVEIRA, J. F.; FONSECA, M. A Pós-Graduação Brasileira e o seu Sistema de Avaliação. In J. F. de Oliveira, A. M. Catani & N. S. C. Ferreira (Orgs.). *Pós-Graduação e Avaliação: Impactos e Perspectivas no Brasil e no Cenário Internacional* (pp. 15-51). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

PEGINO, P. M. F. *As Relações Acadêmicas de Produção na Pós-Graduação em Administração no Brasil*. 362 f. Tese (doutorado) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo. 2014.

ROSA, A. R. Nós e os Índices: Um Outro Olhar sobre a Pressão Institucional por Publicação. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 48, n. 4, p. 108-114, out./dez 2008.

WEBQUALIS. Disponível em: <<http://qualis.capes.gov.br/webqualis>>. Acesso em: 31 de maio de 2014.